

DoCEntes ENTREVISTA



Professor
**Ermínio de
Sousa Nascimento**

Apresentação

Mesmo que a comunidade de professores(as) e pesquisadores(as) em educação do Brasil, em suas mais diversas formas de ser, entendam e defendam a Filosofia como um saber fundamental para o pleno desenvolvimento dos cidadãos, aqueles que a ensinam ainda são impelidos a justificar e lutar pela sua presença nos diversos níveis educacionais. Ao mesmo tempo, novas demandas pedagógicas e de ensino, assim como políticas, surgem para os professores(as) de Filosofia, levando-os a se modificarem e lidarem de forma outra com o presente. A revista DoCEntes, nesta edição de março de 2023, entrevistou especialistas brasileiros reconhecidos na área a fim de pensar as diversas nuances que, na atualidade, constituem o ensino desse saber. Abordando temas como racismo, livro didático, argumentação lógica, pesquisa, criticidade e políticas públicas educacionais como a BNCC e a Reforma do Ensino Médio (lei 13.415/2017), entre outros, as entrevistas presentes neste dossiê sobre Ensino de Filosofia possibilitam aos leitores uma problematização atualizada sobre a prática docente e pesquisa em torno de um componente curricular que, mesmo velho, com seus mais de 2500 anos de história, é fundamental para a formação integral dos cidadãos brasileiros, especialmente os jovens cearenses.

Pós-Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC – UFABC (2022 a 2023); Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2018); Mestre em Filosofia (2006), Especialização em Lógica Contemporânea (1997) e Graduado em Filosofia (2004) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor Adjunto do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – (UVA). Professor permanente do PROF-FILO/UFC. Coordenador do Projeto de Extensão “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica”; Coordenador do Projeto de Pesquisa “A formação da subjetividade mediada pela linguagem na sociedade tecnológica”. Membro do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Filosofia (LaPEFil) da UFABC/CNPq, sob a Coordenação da Profa. Dra. Patrícia Del Nero Velasco e Membro do Projeto de Pesquisa “Kant e Fichte: a ressonância da imaginação transcendental na estética ilustrada” - KaFi.

1. E-mail: herminionascimento@yahoo.com.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1922606977951941>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5024-4837>

DoCentes: Professor Erminio, atualmente você se dedica a refletir sobre o ensino de Filosofia em sintonia com o seu campo de pesquisa, a teoria crítica. Em que medida a teoria crítica pode auxiliar, diante das imposições de diretrizes como a BNCC e a lei do Novo Ensino Médio (13.415/2017), na compreensão e elaboração de estratégias de enfrentamento aos desafios que são colocados aos professores de Filosofia no presente?

Erminio de Sousa Nascimento: Agradeço ao convite para participar dessa entrevista sobre o ensino de Filosofia num contexto tão emblemático como este que estamos vivendo no Brasil. Inicialmente, quero dizer que desde agosto de 2022 estou realizando o meu Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), sob a supervisão da Profa. Dra. Patrícia Del Nero Velasco, analisando, sobretudo, aspectos metodológicos do ensino de Filosofia na educação básica. Esta pesquisa é marcada pelo esforço para pensar o ensino de Filosofia mediada por conflitos sociais, transformando tais conflitos em conteúdo para o filosofar. Isso significa dizer que, em sintonia com a teoria crítica, para se pensar o ensino e aprendizagem de Filosofia, deve-se considerar que é no instante presente que é possível identificar os problemas que têm repercussões na vida das pessoas em sociedade para, a partir deles, buscar as suas causas em momentos anteriores, no passado. Neste caminho de volta, tem-se a oportunidade de se fazer questões à tradição filosófica, vislumbrando as possíveis respostas já dadas pelos pensadores de outrora para o problema em análise. Isto envolve

visitações às obras filosóficas de pensadores de períodos históricos distintos que venham contribuir para novas respostas que serão elaboradas pelos estudantes na contemporaneidade. Ao invés de se trabalhar a história da Filosofia de forma linear em sala de aula, ela passa a ser considerada um recurso metodológico a serviço do ensino e aprendizagem no processo formativo dos estudantes. Nesta perspectiva, para se trabalhar o "conceito de justiça", por exemplo, considerando o Livro II de a República de Platão, pode-se partir das experiências culturais dos estudantes para motivá-los na participação de reflexões em sala de aula. Talvez o filme "Senhor dos Anéis" possa ser recomendado para se analisar o mito: "O anel de Gíges" de Platão para discutir aquele conceito. Esse mito pode auxiliar em reflexões sobre as ditaduras como forma de governo, nas quais há um enaltecimento de guerras, como a que está em curso na Ucrânia, o "Golpe militar" no Brasil de 1964, o nazifascismo na Europa da primeira metade do século XX entre outros. As atividades podem ser orientadas pela noção de aprendizagem cooperativa, dividindo os alunos da turma em grupos, com quantidades definidas pelo(a) professor(a), considerando questões orientadoras elaboradas previamente pelos professores. Aqui, algumas questões podem ser sugeridas: Qual a hipótese levantada por Platão no texto acerca da justiça/injustiça? Como ele procedeu para verificar a sua hipótese? Quais são as consequências da confirmação dessa hipótese na ficção e na vida em sociedade? Por analogia, pode-se trabalhar também, enquanto denúncia, com anedota para identificar teor preconceituoso, músicas que ferem a dignidade das

pessoas, imagens entre outros tipos de linguagens que cometem desrespeitos contra as minorias, potencializando a presença do fascismo no seio das sociedades tidas como democráticas. Feito isso, seguindo as sugestões acima, pode-se fazer a leitura do Livro I, de a Política de Aristóteles, para analisar o tratamento dado por ele para justificar a existência de escravos na sociedade grega de sua época, mas que, nos dias de hoje, tais justificativas são conflitantes com a realidade do Estado Democrático de Direito no século XXI e, portanto, não sendo mais toleradas. É salutar que os fatos sejam inventariados no processo formativo para serem confrontados com os conceitos universais. A leitura de mundo dos estudantes deve ser valorizada para identificar problemas do nosso cotidiano e dos textos em análises, tendo o(a) professor(a) como mediador(a) das atividades. Com isto, os fatos analisados se convertem em conteúdo para o pensar dos estudantes.

DoCentes: Quais os desafios, em termos de ensino, colocam-nos a BNCC, lei do Novo Ensino Médio e a BNC-Formação?

Erminio de Sousa Nascimento: Para responder essa questão é importante vislumbrar as condições de possibilidades de se realizarem experiências culturais/formativas ou filosóficas em escolas de massa, denunciando um modelo de escola elitista que, apesar de teoricamente ser para todos, opera no seio da sociedade de forma excludente, tanto em relação ao público-alvo quanto aos tipos de saberes a serem lecionados. A concepção de escola elitista é perceptível quando o imperativo da produtividade do sistema capitalista recai sobre a formação de pessoas para o

mercado de trabalho, visando instruí-las numa perspectiva técnico-operacional, distanciando-se da dimensão humanista, crítica e reflexiva para se aproximar dos *modus operandi* de máquinas. Ao deixar de lado as humanidades para priorizar o saber técnico-profissionalizante ou técnico-científico, a escola passa a ser direcionada para esse fim, tendo como uma das consequências a redução da qualidade de ensino em comparação ao ensino de outrora, de escolas que eram destinadas a um grupo seletivo da sociedade, que tinha, entre outras coisas, acesso desde cedo à cultura universal e erudita. A ampliação do alcance da escola para grupos diversos da sociedade, de classes sociais menos favorecidas economicamente, passa a ser responsabilizada pela redução daquela qualidade de ensino, criando uma falsa dicotomia entre quantidade e qualidade do ensino e aprendizagem. Essa compreensão talvez seja aparente, uma vez que não apresenta justificativa razoável para tal conclusão. Não se considera, por exemplo, que o perfil dos estudantes desta escola é marcado pela ausência, em maior ou menor escala, de acesso à cultura universal ou erudita. E que os saberes curriculares das escolas exigem uma base cultural e linguística que esses estudantes não trazem de suas casas. Neste contexto, ao invés de se pensar em condições de possibilidades para essas crianças e jovens terem acesso aos saberes curriculares, com políticas públicas voltadas para esse fim, se os apresenta como sendo os causadores da redução da qualidade de ensino, atribuindo aos professores e escolas as responsabilidades de tratar esta questão. Mesmo considerando o exposto acima,

parece-me que a BNCC e a lei do Novo Ensino Médio (13.415/2017) pressupõem que os estudantes da educação básica no Brasil já atingiram um nível de autonomia para problematizar, conceituar e argumentar sobre temas, articulando diversas áreas dos saberes em torno deles. Com isto, o ensino por competências e habilidades enquanto diretrizes da BNCC, mesmo que aparentemente venha promover a democratização do ensino, dando as mesmas oportunidades de acesso aos estudantes de classes sociais diversas à educação formal, que em tese promoveria a autonomia, não seria mais um mecanismo de dominação para justificar e perpetuar uma sociedade dividida em classes sociais, de modo que os indivíduos são formados para o mercado de trabalho, sem se apropriarem de ferramentas educacionais que possibilitem pensar sobre o trabalho e a sua condição de vida na sociedade? Neste aspecto, como é possível realizar experiência cultural/formativa ou filosófica, no sentido de confrontar os conceitos universais com a realidade socialmente constituída, numa escola a serviço dos *modus operandi* do sistema capitalista? Até que ponto o ensino de filosofia na educação básica se configura como possibilidade de desenvolver o potencial crítico e reflexivo dos estudantes para problematizar o que está posto na sociedade vigente? Vale salientar que para esse potencial crítico e reflexivo ser desenvolvido se faz necessário um processo formativo dialético tendo como atores sujeitos que concebam o pensar como experiência intelectual, caso contrário, "a experiência filosófica define". No caso da sociedade burguesa, com o advento do capitalismo tardio, há

um sentimento de rejeição acerca da formação cultural ou filosófica que desenvolva a consciência crítica dos indivíduos para se contrapor à estrutura da sociedade vigente que acaba por promover uma corrida ascendente para uma formação profissional. Sem estabelecer as condições de possibilidades de crianças e jovens realizarem experiências culturais ou filosóficas, o Novo Ensino Médio preconiza que para tornar o ensino mais eficiente compete aos estudantes, uma vez cumprindo as exigências da Base Nacional Comum Curricular (que reduz a base comum aos saberes de matemática e português), escolherem os saberes complementares da formação. Tais escolhas, no entanto, são marcadas por uma crença de que eles são autônomos. A formação básica deixa de ser básica para se converter em escolhas dos estudantes, contrariando a própria noção de formação básica. Será que os educadores não deveriam ser os responsáveis pela compreensão do que seria os saberes básicos para esses estudantes? Na medida em que é dada a possibilidade de os estudantes escolherem esses saberes, leva-os a renunciarem a outros saberes de igual relevância que os levariam a ter uma formação mais sólida tanto no campo das ciências humanas quanto das ciências da natureza. Um outro agravante diz respeito às estruturas das escolas que não dispõem de laboratórios e nem de profissionais especializados em quantitativo suficiente para ofertar os itinerários formativos que venham ser escolhidas pelos estudantes, havendo, por tanto, uma escolha guiada por um "cardápio" disponibilizado pelo grupo gestor das escolas. Com isto, quero enfatizar que a instrução promovida pela educação formal, nas escolas,

apesar de ser importante para a vida em sociedade, ainda é marcada por "certa" carência de domínio da linguagem, por parte dos estudantes, para interpretar o que é relevante para a vida em sociedade. As pessoas são levadas a aceitar o que é supérfluo como se fosse vital. Há um "imperativo" que antecede as escolhas que não são percebidas pelas pessoas uma vez que a pobreza de imagem, da linguagem, com a qual elas foram formadas, promove uma consciência coletiva, negando as suas individualidades. É atribuída à educação a função de preparar os indivíduos criticamente – educação política – para se sobrepor à submissão imposta pelos mecanismos de dominação da sociedade vigente. No entanto, o modelo de racionalidade que predomina na sociedade capitalista, ainda no século XXI, inibe a espontaneidade e a criatividade dos indivíduos para realizar experiências culturais, formativas, que possam promover a formação da subjetividade individual. Elas são substituídas por procedimentos técnico-operacionais, dificultando a possibilidade da formação da consciência crítica para superar tal situação. Nesta perspectiva, a BNC-Formação converte a formação de professores em procedimentos técnico-operacionais, instrumentalização da formação, mobilizando saberes didático-pedagógicos em função da implementação da BNCC e da Reforma do Ensino Médio.

DoCEntes: O senhor faz parte do colegiado do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), localizado em Sobral, cidade do interior do Ceará. Como você analisa as mudanças vivenciadas atualmente pelas licenciaturas no Brasil e seus efeitos na formação dos seus estudantes?

Por ser um curso ofertado no interior, quais as suas particularidades e seus desafios?

Ermínio de Sousa Nascimento: O Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA foi criado em 21 de dezembro de 1998, pela Resolução 46 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual Vale do Acaraú, nas modalidades de Bacharelado e de Licenciatura Plena, vinculado ao Centro de Filosofia e Ciências da Religião, passando a pertencer, atualmente, ao Centro de Filosofia, Letras e Educação. A criação do referido curso resulta da discussão conjunta e da parceria institucional acordada com as Dioceses de Sobral e de Tianguá, as prefeituras municipais da Zona Norte do Estado e entidades profissionais e culturais da região, que indicaram sua necessidade. Desde então, o Curso assumiu a missão de possibilitar a seus discentes o instrumental filosófico-pedagógico indispensável à prática educativa no que diz respeito à construção de uma concepção de homem e de mundo, o que desemboca numa compreensão do papel da educação e do ensino de Filosofia em nosso tempo. Esse curso, na minha compreensão, assim como os demais cursos de licenciaturas, sobretudo em Filosofia, no Brasil, seguia o modelo "3 + 1", com uma formação bacharelesca, destinando 3 (três) anos para a formação especializada na área do saber filosófico e 1 (um) ano para a formação de professores, ao final do curso, com três ou quatro disciplinas de saberes pedagógicos como, por exemplo: "Didática Geral", "Psicologia da Educação", "Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º e 2º graus" e "Prática de Ensino". Por esta ótica, primeiro se tinha a

formação filosófica ou científica para depois se ter a "formação de professores". Esta última, em geral, de responsabilidade do departamento de educação, não havendo diálogo pleno entre ambas. Ainda, no caso da formação de professores de Filosofia, era negligenciado a vivência dos estudantes nas salas de aula das escolas da educação básica. O que se pode afirmar é que, em tese, o referido modelo possibilitava a formação filosófica, sem, no entanto, assegurar as mediações didáticas para preparar professores de Filosofia para aquele nível educacional. Vale salientar que na UVA havia apenas uma entrada anual para o curso de Filosofia, via vestibular, sendo que após o 6º semestre os estudantes optariam em cursar os componentes curriculares da licenciatura ou do bacharelado. Com as Resoluções CNE/CP 1 de 18/02/2002 e 2 de 19/02/2002, teoricamente, o curso de licenciatura em filosofia da UVA se distanciou consideravelmente do modelo de formação "3 + 1", tendo um vestibular para o bacharelado e outro para a licenciatura. Os cursos passaram a ter duas propostas curriculares distintas. Nesta nova feitura, o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Filosofia teve uma ampliação de carga horária para a formação docente, entre as quais podemos citar: 400 horas para os estágios supervisionados a serem realizados no âmbito da escola da educação básica, sob a supervisão de um professor experiente naquele nível de ensino em filosofia; 400 horas de prática de ensino entre outras. Essas atividades passaram a ser realizadas no decorrer da segunda metade do curso, possibilitando o convívio dos estudantes de licenciatura com a vivência da sala de aula da

educação básica. No entanto, as condições objetivas para a efetivação desta nova proposta não foram dadas para os cursos. Os professores de Filosofia, oriundo do modelo "3 + 1", não tinham formação para acompanhar os estágios supervisionados nas escolas nem para ministrar as atividades de prática de ensino. Além do mais, o curso atende estudantes de diversos municípios da Região Norte do Estado do Ceará, os quais precisam se deslocar mais de 100 quilômetros até a sede da UVA em Sobral. Isso significa dizer que as atividades do contra turno das aulas dificilmente poderiam ser realizadas em Sobral. Juntando-se a isto, as escolas sediadas nesta cidade não tinham condições de acolher as demandas criadas pelos cursos de licenciaturas daquela IES. Assim sendo, a instituição deveria designar professores para acompanhar aqueles estudantes nas atividades em seus municípios. Para atender às exigências da BNC-Formação (Resolução CNE 2 de 20/12/2019), o Curso de Licenciatura em Filosofia estruturou a sua proposta curricular em 3 grupos: Conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos que fundamentam a educação (800 horas); Conteúdos específicos das áreas (1.600 horas); Prática pedagógica (400 horas de estágio nas escolas + 400 horas de prática nos componentes curriculares). Somando-se a essas cargas horárias, têm-se os Componentes Curriculares de Extensão: (370 horas - 10,08% da carga horária do curso). Nesta nova configuração, os estudantes precisam realizar atividades em escolas/comunidades no decorrer de todo o curso. Com isto, as dificuldades de acompanhamento das atividades por parte dos professores se agravam, exigindo a contratação de profissionais

especializados, mesmo assim, isto não é suficiente. Diante do exposto, é relevante avaliar se o modelo de formação atual traz ganhos para a docência em relação ao modelo de formação "3 + 1". Lembrando que este último preparava bacharel para ensinar, agora temos docentes carentes de saberes filosóficos.

DoCEntes: Em 2022 o senhor organizou, com a parceira dos professores Glaudenir Brasil e Renato Almeida, o livro Reflexões para um debate sobre ensino de Filosofia e formação de professores. Poderia falar um pouco sobre essa obra e como ela pode contribuir para o debate sobre o ensino de Filosofia no Ceará e no Brasil?

Ermínio de Sousa Nascimento: O E-book intitulado Reflexões para um debate sobre ensino de Filosofia e formação de professores é fruto, sobretudo, do "Ciclo de debates sobre ensino de Filosofia e formação de professores" e do I Encontro Nacional do PIBID/CAPES subprojeto Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, organizados pelo projeto de extensão "Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica" e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/2020 subprojeto Filosofia, no ano de 2021. As reflexões realizadas nos eventos anunciados acima contaram com contribuições de pesquisadores que trabalham com formação de professores em nível nacional; professores de Filosofia da educação básica do Estado do Ceará e do Rio de Janeiro, sobretudo aqueles que sistematizaram as suas experiências de sala de aula em dissertações no Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da

Universidade Federal do Ceará - UFC-, em Fortaleza, e relatos de experiências de egressos do curso de Filosofia e do PIBID da UVA. As reflexões desses profissionais sobre a temática publicada neste e-book enfatiza a luta para assegurar a Filosofia como "disciplina" obrigatória no ensino médio, dialogando sobre estratégias para se criar condições de possibilidades para o ensino de Filosofia se tornar significativo para os estudantes da educação básica. Neste quesito, requer-se uma formação docente que, além de fortalecer os saberes filosóficos especializados, exige t a m b é m e s t r a t é g i a s didáticas/metodológicas e posicionamento ético-político ante aos problemas socioeconômicos. Esse docente, entre outras coisas, precisa se perguntar: até que ponto é possível realizar experiência cultural/formativa ou filosófica com os estudantes da educação básica, no sentido de confrontar os conceitos universais com a realidade socialmente constituída, numa escola a serviço dos modus operandi do sistema capitalista? Será que o ensino de Filosofia na educação básica ainda possibilita o desenvolvimento de potencial crítico e reflexivo dos estudantes para problematizar o que está posto na sociedade vigente? O e-book traz alguns indicativos de respostas para essas questões construídas por professores de Filosofia tanto de instituições de ensino superior como da educação básica, sobretudo, do Estado do Ceará.

DoCEntes: Para finalizar, gostaria de tecer outras considerações sobre o ensino de Filosofia que não tenhamos questionado, mas que são importantes para pensarmos os desafios o cercam no Ceará e no Brasil?

Erminio de Sousa Nascimento:

Talvez seja relevante, no contexto atual, refletirmos sobre a criação de ambientes nos cursos de licenciatura em Filosofia e nas escolas da educação básica que possibilitem experiências culturais/formativas ou filosóficas para articular saberes teóricos e práticos. Esses ambientes devem se configurar como espaço para estudantes e professores manifestarem as suas experiências de vida, leituras de mundo para auxiliar na concepção de homem que queremos formar, tendo por base as inquietações dos estudantes sobre as suas vivências no seio da sociedade. É preciso criar estratégias para os cursos de formação de professores dialogarem com as escolas da educação básica e com a sociedade em geral, explorando os espaços físicos e virtuais. Para isto, devemos inventariar os mecanismos

existentes nos cursos de Filosofia criados para possibilitar formação específica dos estudantes e as novas ferramentas que ampliam o alcance das reflexões filosóficas para além dos muros das universidades e das escolas. Aqui, pode-se destacar, por um lado, os grupos de pesquisas, de estudos, de extensão, laboratórios, Programas institucionais de formação de professores, de iniciação científica e de pós-graduação e, por outro lado, os programas de rádio, podcast, jornais, cursos livres entre outros. Como exemplo, têm-se: o podcast **PERDIDOS NA PARALAXE!?**, organizado por Débora Fofano e Fred Costa, que traz reflexões sobre Filosofia e Cultura pop (<https://pparalaxe.com.br/>); o [podcast ESOPodcast, do Sebo Cultural Itinerante: o ensino de Filosofia na sociedade tecnológica \(@sebo.cultural.itinerante\), enquanto espaço para estudantes e](#)

[professores falarem de suas vivências em sala de aula e sugestões de recursos didáticos para a formação humana e filosófica \(https://anchor.fm/sebo-cultural-itinerante/episodes\); Programa Pra Pensar, na Rádio FM Benfica, toda quinta-feira, das 20h às 22h, com Emerson Praciano \(https://fmbenfica.com.br/\);](#)

Paródias como recurso didático para o ensino de filosofia, de autoria de Santiago Pontes Figueiredo². Para incorporar essas ações ao ensino de Filosofia, talvez seja importante se pensar na criação de observatórios para acompanhar as novas iniciativas vinculadas as instituições de ensino, professores ou estudantes para analisar como elas são planejadas e articuladas com a formação cultural ou filosófica das pessoas no seio da sociedade, sobretudo, dos estudantes.

2. As ações desenvolvidas por Santiago Figueiredo podem ser conferidas nos links: <https://www.youtube.com/watch?v=SNRnvtzx4PU>; <https://www.youtube.com/watch?v=3ISJTCGhgqE>; <https://www.youtube.com/watch?v=JQIKxgdAVZk>.